

Arqueologia Industrial na freguesia de Lustosa. A Fábrica de Tecelagem de Amélia Gomes Pinto



Até ao dealbar do século XXI subsistiram um pouco por todo o concelho de Lousada, vestígios dos primórdios do processo de industrialização do território. Todavia, nem sempre a sua valia era tangível para a comunidade, porquanto muitos se encontravam associados a pequenas unidades industriais, pelo que foram sendo obliterados da memória coletiva à medida que novos cânones produtivos se impuseram. Por destruição dos equipamentos ou demolição das próprias estruturas arquitetónicas que os albergavam, em alguns casos, pelo abandono e vandalismo, noutros tantos, o que sobra é escasso e o que se preservou, ainda mais. Resta, como no caso das fábricas de tecelagem de Lustosa, o inventário atempado e o registo para que a memória não se perca. É neste quadro, já apenas de memória, que aqui se ensaia a reavistação a uma singular unidade industrial da freguesia de Lustosa.

Texto e Fotografia

Manuel Nunes
Arqueólogo
manuel.nunes@cm-lousada.pt

Paulo Lemos
Arqueólogo
paplemos@gmail.com

guesia de Lustosa, para fornecimento de energia ao industrial Adelino Alves de Abreu. Curiosamente, já em 1946, em ata datada de 14 de outubro, a autarquia de Lousada havia deliberado por unanimidade proceder à instalação do Ramal Elétrico em Alta Tensão servindo as freguesias de Covas, Figueiras, Ordem, Sousela e Lustosa, por intermédio da mesma Elétrica Duriense, Lda. do Porto.

Este facto, sintomático de algum dinamismo económico nas terras de Lustosa, até então geográfica e economicamente mais próximas do vale do Vizela e do Ave que do Sousa, traduz uma evolução no tecido empresarial local reforçado pela requalificação, na década de 1940, da atual EN106, convertendo-a em eixo viário estruturante para o território de Lustosa. Deste modo, a criação e melhoria de infraestruturas de transporte, bem como a facilidade de comunicação e a disponibilização de energia elétrica acabaram por se converter em fatores catalisadores do empreendedorismo local, ditando o surgimento de empresas de base familiar. É neste quadro que surge, logo em 1945/46 a fiação de António Ferreira



Figura 3 Aspeto da maquinaria no interior da Fábrica de Tecelagem de Amélia Gomes Pinto (2012).

Leão, situada no lugar da Bouça, posteriormente herdada pelo filho Domingos Barbosa Leão, convertendo-a na Fábrica de Materiais de Penso de Domingos Barbosa Leão. Esta empresa, que laborou até 2008 e chegou a ter cerca de 100 teares, começou por produzir tecido riscado e telas para roupa, passando gradualmente a orientar a sua produção para as compressas hospitalares em algodão, a denominada gaze hidrófila.

O mesmo caminho foi trilhado pela Fábrica de Tecelagem de Amélia Gomes Pinto, localizada no antigo lugar de Sequeirô, que iniciou as obras para a construção do pavilhão industrial em 1947 e foi cientificamente arrolada entre 2012 e 2013 com o código LUS67 (41°19'08.8" / 08°19'45.1"). O edifício fabril não é mais que um prolongamento da própria habitação de andar térreo. Com paredes em alvenaria de pedra, cobertura de quatro água em telha francesa assente sobre madeira e sem forro, o edifício ostenta janelas grandes, em madeira, com vidraças, de modo a permitir uma boa iluminação do espaço interior. O edifício da fábrica primitiva apresenta uma planta retangular e ocupa uma área coberta de apenas 63 m² ao qual foi acrescentado, em anos mais recentes, um espaço anexo, de planta quadrangular, destinado ao armazenamento de materiais. A reduzida área disponível para laboração com uma disposição da maquinaria que pouco deve a uma conceção fabril do espaço, revela um carácter mais artesanal do que industrial da fábrica que, certamente gravitava em torno de estabelecimentos de maior dimensão, nomeadamente no vizinho concelho de Paços de Ferreira, constituindo uma rede complexa de relações de dependên-

Figura 4 Aspeto de um tear mecânico com marca do fabricante (WILIAN & MILLS BLACKBURN) (2013).



Figura 5 Exemplos de marcas de fabricantes gravadas na maquinaria: COLN.LANCASHIRE e AUTOGARAGEM AVENIDA GUIMARÃES (2013).

cia económica (Magalhães, 1986:81).

No exterior do edifício, um painel de azulejos evoca a proteção divina da fábrica (Nunes e Lemos, 2013:206-207).

A tecelagem recebeu os primeiros 5 teares em 1948, altura em que começou a laborar com mão-de-obra familiar. Curiosamente, a construção da fábrica coincidiu com a chegada da luz elétrica a Lustosa, pelo que os teares adquiridos por Amélia Pinto, todos eles em 2ª mão, eram já movidos a energia elétrica. A produção começou por centrar-se em tecidos riscados, para vestuário, mas cedo divergiu para as compressas hospitalares em algodão. A partir de 1972 a gestão da empresa passou para a mão de Francisco Assis Santos Guimarães, neto de Amélia Gomes Pinto que manteve a propriedade da unidade industrial até ao seu encerramento. De resto, o sucesso desta tecelagem acabou por ditar o surgimento de outras duas micro-unidades industriais no seio dos descendentes de Amélia Gomes Pinto, também em Sequeirô, e que, até recentemente, conservavam alguns dos teares em laboração esporádica. No período áureo de laboração da fábrica de Amélia Gomes Pinto (década de 1970) chegaram a trabalhar na tecelagem 8 pessoas, distribuídas pelos 10 teares e 5 caneleiras, máquinas que se conservaram intactas no espaço da fábrica muito depois do seu encerramento. Aliás, as fotografias que ilustram o presente texto datam de 2012 e 2013, altura em que o aspeto da fábrica se mantinha inalterado. Terá sido no final dessa década que o equipamento foi desmantelado e vendido (Nunes e Lemos, 2013:206-7).

O aspeto mais singular desta unidade industrial, e a razão última deste artigo, deve-se ao facto de, até muito recentemente a fábrica se ter mantido intacta, conservando *in situ*, e em excelente estado, todo o equipamento industrial que ali laborou desde a década de 40 do século XX. Todo o equipamento industrial foi sendo adquirido ao longo dos anos e constitui um conjunto notável de maquinaria industrial que, apesar de incluir no acervo peças de origem portuguesa, se destaca sobretudo pela presença de maquinaria de origem britânica. De resto, é este espólio industrial que centra grande parte do interesse da antiga fábrica. Os teares identificados são teares de gaze hidrófila construídos nos primórdios do século XX, que produzem o tecido da gaze através do cruzamento ortogonal dos fios com os da trama, por acionamento mecânico. Em diversos teares ainda era possível observar as bobinas fixas nos tambores horizontais desde a altura em que a atividade laboral da fábrica cessou, em 1998. De entre os teares cuja origem foi possível rastrear, destacam-se aqueles que apresentam a gravação da entidade produtora. Desde logo a empresa W. B. White & Sons Ltd, fundada em 1849, em Colne, Lanashire, Inglaterra. Publicidade a esta empresa e aos seus equipamentos para a indústria de tecelagem subsistia ainda em 1917. Depois a empresa Willian & Mills, sediada em Manchester, Inglaterra, que era propriedade de Joseph Dugdale e que, em 13 de julho de 1896, criou a Blackburn Loom and Weaving Machinery Making Co que agrupou as empresas William Dickinson and Sons, Willian and Mills e John Dugdale and Sons. Apesar da acentuada quebra na

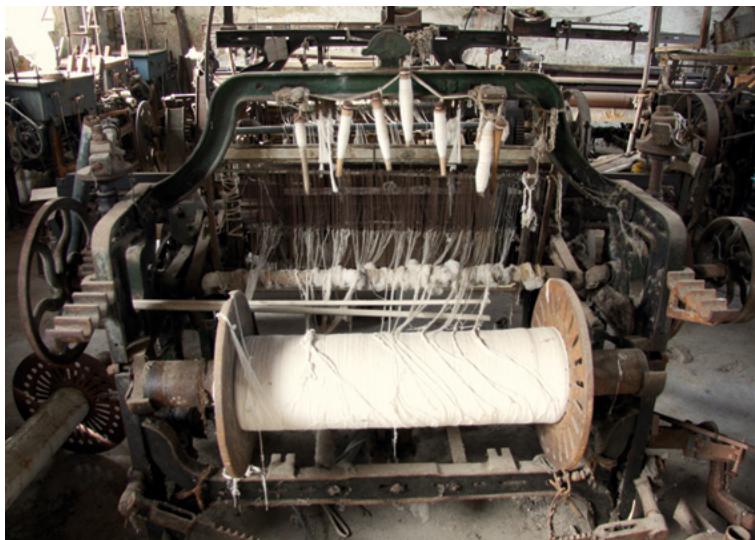


Figura 6 Aspeto de um tear mecânico com marca do fabricante (MAKER.BURY) (2013).

produção nos anos 60 do século XX a empresa manteve-se em laboração até 1977. Finalmente, uma referência final às peças provenientes da Auto Garagem Guimarães, oficina metalúrgica de António Fernandes (depois A. Fernandes & Filhos) que se localizava em Lordelo, Guimarães (Limited, 1952:96; Cotton Town, s/d).



Figura 7 Pormenor do grafito de um pentagrama numa caixa de utensílios, em madeira (2013).

Bibliografia

- AML - Arquivo Municipal de Lousada. *Ofício remetido pela Elétrica Duriense à Câmara Municipal de Lousada em 28.04.1947*, f1-1v.
- AML - Arquivo Municipal de Lousada. Atas da Câmara Municipal de Lousada. Sessão de 14 de outubro de 1946. *Deliberação para instalação do Ramal Elétrico em Alta Tensão servindo as freguesias de Covas, Figueiras, Ordem, Sousela e Lustosa*.
- Aguiar, A. e Martins, M. (2004) - *O Crescimento da Produtividade da Indústria Portuguesa no Século XX*. Porto: CEMPRES/Faculdade de Economia. Universidade do Porto.
- Cotton Town, Blackburn with Darwen (Cotton Town digitisation project) (s/d) *William Dickinson and Sons* [Em Linha]. [Consult. 06.03.2024]. Disponível em <http://www.cottontown.org/>
- Decreto-lei n.º 34:593. *Diário do Governo* n.º 102/1945, 1.º Suplemento, Série I de 1945-05-11.
- Dias, F. (1945) - *Linha de Rumo*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- JL – *Jornal de Lousada* de 26/4/1947; 10/5/1947; 17/5/1947.
- Lei n.º 2:002. *Diário do Governo* n.º 285/1944, Série I de 1944-12-26.
- Lei n.º 2 058. *Diário do Governo* n.º 291/1952, Série I de 1952-12-29.
- Limited, J.W. (1952) - *The British & Dominion Textile Industry, Excluding Lancashire & Yorkshire*. Vol. 62.
- Magalhães, M.M.A. (1986). *Paços de Ferreira Indústria Transformadora*. Separata. Estudos Monográficos, Paços de Ferreira, pp. 78-93.
- Nunes, M. e Lemos, P. (2013). *Lustosa, Património e Identidade*. Lustosa, Junta de Freguesia de Lustosa, Lousada.